REFUGIADOS MIRINS SÍRIOS E O ACONTECIMENTO MIDIATIZADO PELA EMOÇÃO: UMA HIPÓTESE DE ÁPICE MIDIÁTICO

SYRIANS LITTLE REFUGGES AND THE HAPPENING MIDIATIZED BY EMOTION: A HYPOTHESIS OF MEDIA PEAK

Adriana Domingues Garcia[1]
Rejane de Oliveira Pozobon[2]

Resumo: O artigo proposto tem como objetivo testar e aprimorar a hipótese de ápice midiático, objeto de tese de doutorado que problematiza a circulação e os circuitos formados pela tematização midiática sobre os refugiados sírios, por meio de acoplamentos estruturais e irritações (Luhmann, 2005) nos

1. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Integrante do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Política CNPq/UFSM e do Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão Direitos Humanos e Mobilidade Humana Internacional (MIGRAIDH/UFSM) -Cátedra Sérgio Vieira de Mello (CSVM/ACNUR). E-mail: adrigarciasm@gmail.com.

2. Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM). Líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Política CNPq/UFSM. E-mail: rejane.op@terra.com.br.

sistemas dos macro e microacontecimentos (Santos, 2005). O construto metodológico busca o delineamento do observável empírico, por meio da iconização (Ferreira, 2010) dos episódios dos meninos Aylan Kurdi e Omran Daqneesh, no intuito de aclarar o pensamento em elaboração e a abrangência do mapeamento de materiais. A partir do tensionamento das teorias emergidas desse enfrentamento empírico, verificamos que o amplo nível de alcance comunicacional foi garantido pelas táticas patêmicas de exploração emocional, através da dramatização com imagens de crianças vitimizadas.

Palavras-chave: Midiatização. Acontecimento. Refugiados sírios.

Abstract: This article aims test and improve the hypothesis of media peak, thesis doctoral object's which deals of the circulation and the circuit formed by media tematization about the syrians refugees, by means of structurals linkage and irritations (Luhmann, 2005) in systems of macro and micro happening (Santos, 2005). The methodological construct want to draw the empiric observing, by iconization (Ferreira, 2010) of the boys's episodes Aylan Kurdi and Omran Daqneesh, whishing to clarify the thought devised and coverage of the mapped materials. The theorys emerged of this empiric facing were tensionadas and resulted for us that the large reach communicational was guaranteed because were prosecuted pathemic tatics of emotional exploit, through dramatic images with children victimized.

Keywords: Mediatization. Happening. Syrian Refugges.

1 Introdução

O campo jornalístico tem ao seu dispor estratégias que podem dar conta dos critérios de função social e favorecer o ascendimento do debate na sociedade sobre a tematização da chamada *Crise de Refugiados*. Ao mesmo tempo, pode buscar suprir as necessidades mercadológicas das empresas jornalísticas, com táticas mais específicas. Essa postura pode se dar através da escolha de enquadramentos noticiosos em-

blemáticos, como o uso de imagens de crianças mortas ou feridas, o que coloca em questionamento o *ethos* jornalístico. Com essas práticas comunicacionais, coloca o assunto em circulação, desperta sensibilidades, sensações e alcança a audiência estritamente pelo emocional. É nesse ângulo de visão que a nossa hipótese se situa.

Essa pesquisa surgiu da percepção de uma tendência de uso de *cases* de crianças nas construções noticiosas sobre os refugiados sírios e que, de certa forma, essa possível tática discursiva tenha gerado uma grande repercussão, despertando uma forma de engajamento do público, devido ao apelo dramático. Em termos gerais é essa a premissa que vamos testar e tensionar teoricamente neste artigo, a partir de uma perspectiva pragmática.

A primeira parte trata das especificidades do discurso midiático nas ideias de *contaminação* (Rodrigues, 2002) e *vulgarização* (Charaudeau, 2006). Após, é feito um tensionamento teórico tendo como base a matriz de pensamento da Teoria do Acontecimento (Quéré, 2005), a ideia do *acontecimento à notícia* (Charaudeau, 2006), atrelados ao pensamento de (mega)acontecimento (Santos, 2005). Na sequência, inserimos o macroacontecimento da *Crise dos Refugiados* no contexto da midiatização e apresentamos a nossa hipótese embrionária do ápice midiático. Logo depois, explicamos a construção metodológica, dentro da perspectiva empirista dos estudos brasileiros em midiatização. A análise apresenta descrições, indícios, categorizações, inferências e novas proposições ao trabalho de enfrentamento do material empírico, com vistas ao aprimoramento da hipótese de tese de doutorado. Por fim, é formulada uma conclusão reflexiva e hipotética sobre como é possível verificar a amplitude e intensidade de um ápice midiático.

2 O discurso midiático da Crise dos Refugiados

A partir do ano de 2011, aumentou expressivamente o número de pessoas que se deslocam de países acometidos por conflitos armados, por crise econômica ou ambiental,

localizados principalmente no Oriente Médio e África. Essa situação social, transformada em acontecimentos mediados, colocou em debate público questões de natureza humanitária, econômica, política e religiosa, entre outras. Por isso, a complexidade histórico-cultural e política dos fatos exige maneiras de noticiar que contemplem a amplitude de acesso e entendimento dos diversos públicos, dentro de um quadro restritivo, instituído por normas, regras e ferramentas de controle do campo jornalístico.

Rodrigues (2002) reflete sobre uma possível delimitação do âmbito do discurso midiático, buscando a identificação da sua natureza e dos seus *modos operandis*, para, então, averiguar as relações com outras modalidades de discursos que não são essencialmente midiáticas, mas que sofrem uma espécie de *contaminação*. Ele considera que a principal função do discurso midiático é situar os acontecimentos no mundo, de modo fático, ou seja, expressando e criando uma atmosfera de boa vontade, sociabilidade e compartilhamento de sentimentos. Sendo assim, é a escuta[3] dos que se sentem envolvidos pelo discurso que constitui o público destinatário.

Ainda de acordo com o autor, o discurso midiático contamina as outras modalidades de discursos e por elas se deixar contaminar. Ele entende esse processo como positivo e diz que são essas características que habilitam o discurso midiático a exercer sua principal função de mediação. Ele destaca a importância da distinção entre a opacidade dos discursos esotéricos[4] das instituições e a transparência do discurso exotérico midiático. O caráter principal é que no midiático, a legitimidade se dá em vários domínios da experiência. Já, no institucional, a legitimidade é limitada a um dos domínios específicos da experiência.

3. Segundo Rodrigues (2002), ouvir é diferente de escutar. O público do discurso midiático é constituído por aqueles destinatários na escuta, pois, eles serão interpelados e envolvidos no processo.

4. Discurso esotérico com “s” alcança predominantemente os membros pertencentes àquele campo social, possui uma espécie de ocultismo. Discurso exotérico com “x” significa que o conhecimento do mundo exterior a ele é percebido dialeticamente, nas trocas entre os públicos, sem restrições, indiscriminadamente.

Diante disso, o lugar de fala midiática é caracterizado por Rodrigues (2002) como um lugar simbólico dessacralizado, podendo ser qualquer lugar, devido a sua transparência e o poder de levar junto consigo a legitimidade dos outros campos sociais. Como consequência desse funcionamento exotérico temos a permeabilidade dos discursos e a homogeneização das sociedades modernas, que, atualmente, o autor identifica como sociedade midiatizada, em que a centralidade da mídia está acima de todo funcionamento social.

O discurso midiático para Charaudeau (2006) é visto como ato de discurso de informação resultante de um duplo processo de transformação e de transação de saber que produz efeitos de verdade, em que somente o receptor está em posição de julgar a validade. Ele alerta que não se pode ignorar o imperativo de captação desempenhado pelas empresas jornalísticas que as levam a recorrer à construção de discursos de sedução, além disso, nem sempre atendem às exigências de credibilidade e nem sempre estão isentos de posições ideológicas.

O autor explica que o contexto construído pelo discurso midiático pode produzir efeitos de acordo com a experiência social de cada consumidor da informação, podendo variar entre sentidos de banalização, saturação, amálgama, ou pelo contrário, dramatização. Essa visão faz parte da finalidade ambígua da informação, a qual nunca se apresenta no seu *grau zero*, ou seja, exclusivamente factual. “Se as manchetes dos jornais são diferentes, é porque, para se diferenciar do concorrente, cada jornal deve produzir efeitos diferentes” (Charaudeau, 2006, p. 59).

Ao transformar uma informação em discurso, o recurso *didático* pode ser utilizado para atingir um alto grau de inteligibilidade. Nesse tipo de construção, corre-se o risco de deformar a informação e fazer o que o autor chama de *vulgarização*. Em contraponto com a ideia de *contaminação* de Rodrigues (2002), Charaudeau (2006) não entende como positiva essa decodificação simplificada do discurso midiático, pois quanto mais uma explicação for precisa e detalhada, inscrevendo-se numa reflexão sistêmica pela ação de um especialista, menos ela será comunicável e explorável fora do

campo de inteligibilidade que a produziu. Em contrapartida, a vulgarização midiática é constantemente atravessada por uma visada de captação, isso tende a transformá-la numa vulgarização dramatizada.

3 O acontecimento midiático

Os acontecimentos possuem naturezas diversas e podem ser classificados como imprevisíveis, casuais, previsíveis, causais, marcantes, importantes, relevantes e avassaladores. Um acontecimento pode mudar toda a história de uma vida ou de uma cidade, ou mesmo da humanidade. Quéré (2005) apresenta o modelo praxiológico, em que os sujeitos constroem suas relações com o mundo através da comunicação, que por sua vez é entendida como um processo de interação. Nesse sentido, a linguagem assume um papel constituidor da vida social. Para ele, o acontecimento é algo que vem de fora, que instaura uma descontinuidade na experiência dos sujeitos, provocando uma ruptura na rotina, mudando o estado das coisas. E, mesmo quando é programado, o acontecimento surge como algo inesperado e imprevisível para os sujeitos afetados por ele.

A dualidade temporal é o destaque do conceito de Quéré (2005), pois, a insurgência do acontecimento provoca a dinâmica de desdobramento para o passado e alongamento para o futuro, desencadeando, por um lado, analogias passadas - na tentativa de construir um contexto causal explicativo; e por outro, expondo suas consequências, analisando os contornos das novas situações criadas ou reveladas por determinado acontecimento - na tentativa de criar um contexto explicável e explicativo.

O autor explica que podemos diferenciar os acontecimentos em função do seu poder de afetar os seres humanos. Desta forma, é preciso, por um lado, situá-los corretamente na ordem do sentido e, por outro, inscrever a ação em uma dinâmica em que a passibilidade do acontecimento e o seu poder hermenêutico desempenhem um papel mais importante do que a motivação dos sujeitos.

> Do ponto de vista do entendimento, que privilegia a 'contemplação', o acontecimento é um facto ocorrido no mundo, susceptível de ser explicado como um encadeamento – ele é 'um fim onde culmina tudo o que precedeu' – e inscrito num contexto causal. Do ponto de vista da acção, em que é necessário 'aceitar o irrevogável e reconciliar-se com o inevitável', o acontecimento é um fenômeno de ordem hermenêutica: por um lado, ele pede para ser compreendido, e não apenas explicado, por causas; por outro, eles faz compreender as coisas – tem, portanto, um poder de revelação (Quéré, 2005, p. 60)

Para o autor, a natureza do acontecimento é intervir na experiência humana, pois seu caráter inaugural marca o fim e o início de um processo, além da sua explicação causal, que não é unicamente contemplação do que ocorre, se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém. Sendo assim, a principal origem da compreensão do acontecimento está no próprio acontecimento.

O acontecimento em Charaudeau (2006) também está ligado à relação dos olhares lançados sobre e pelos os atores sociais, através dos discursos trocados por eles. O autor exemplifica: "Mortos são mortos, mas para que signifiquem 'genocídio', 'purificação étnica', 'solução final', 'vítimas do destino', é preciso que se insiram em discursos de inteligibilidade" (Charaudeau, 2006, p. 131). Essa construção ainda precisa apontar para os sistemas de valores que caracterizam os grupos. Sendo assim, para que seja acontecimento, é necessário nomeá-lo, além disso, ele precisa estar inserido em um discurso midiático.

A hierarquização do acontecimento definido por Santos (2005) nos parece apropriado para pensar o nosso objeto de estudo. O autor se baseia na Teoria dos Sistemas de Niklas Luhmann para distinguir megacontecimento, macroacontecimento e microacontecimento. O megacontecimento, assim como o macro, possui um tratamento midiático que serve para manter a sociedade acordada, possui uma grande dose de violência real e simbólica, mas segundo o autor, é dema-

siadamente forte para se falar de uma excitação ou irritação, nos termos de Luhmann. O autor nomeia como macroacontecimento os acontecimentos que ocorrem no meio ambiente dos sistemas e produzem reações importantes, na medida da passibilidade dos sistemas. Essas respostas dos sistemas não são reflexos de causa-efeito e sim uma atividade intensa semântica e autorreferencial.

Santos (2005) propõe pensarmos uma teoria do megacontecimento dentro de um ângulo de negatividade, em que a sociedade, testemunha desse acontecimento, está refém de um efeito hermenêutico, obrigada a olhar as coisas e o mundo em profundidade e a longo prazo. "Não é, pois, por acaso que os megacontecimentos são negativos e nos são apresentados na perspectiva das vítimas" (Santos, 2005, p. 83). Os que adotam postura contrária, mostrando o lado dominante, causam o maior escândalo, fazendo referência a Karl-Heinz Stockhausen e Jean Baudrillard, com o tema do 11 de setembro.

O sistema dos macro e megacontecimentos é formado por uma miríade de microacontecimentos posteriores que lhe fazem eco, os projetam para o futuro e os envolvem em uma teia de sentidos e significações. Dessa forma, os macro e megacontecimentos são imprevisíveis, já os microacontecimentos são irritações nos sistemas, pós-acontecimentos, atividades interpretativas e investigadoras que ocorrem de maneira a aparar as arestas, atenuar o caráter surpreendente do macro, na tentativa de normalizá-lo. Esse processo é entendido como uma tática defensiva do sistema que produz um sentido próprio e amenizante, que neutraliza a brutalidade semântica da revelação do macro ou megacontecimento.

3.1 A midiatização do (macro)acontecimento

Ao tentarmos encontrar o marco zero, ou seja, o evento inaugural, da chamada Crise dos Refugiados, para traçar a gênese do acontecimento, constatamos que pode ser considerada como emergência da ocorrência a chamada Primavera Árabe, que a partir de 18 de dezembro de 2010 lançou uma

onda revolucionária de manifestações e protestos, instaurando, nos anos seguintes, guerras civis no norte da África e diversos pontos do Oriente Médio. Os microacontecimentos decorrentes disso já tinham destaque na mídia mundial, com noticiário internacional da rotina dos países em conflito, bombardeios, ataques aéreos, saída dos civis em busca de refúgio na Europa, pelo Mar Mediterrâneo e a morte massiva de muitos deles em naufrágios, causados por embarcações ilegais e precárias.

O processo midiático de tematização percorria uma linha horizontal de operações e os fatos ainda eram classificados como decorrentes do acontecimento inaugural da Primavera Árabe, quando aconteceu um fenômeno que recolocou o assunto no topo do debate social, agora com um novo desdobramento: Crise dos Refugiados, Crise Migratória, Crise Humanitária. No entanto, o microacontecimento que causou essa nova ruptura foi acionado socialmente a partir de um episódio comunicacional que ocasionou maior evidência midiática para esse tema. Foi quando, no dia 2 de setembro de 2015, aproximadamente 4 anos após o evento inaugural do macroacontecimento, houve uma intensa divulgação das imagens do corpo do menino sírio de 3 anos, Aylan Kurdi[5], que foi encontrado à beira de uma praia da Turquia, após o naufrágio que matou a mãe, o irmão dele de 5 anos e pelo menos mais 12 tripulantes que fugiam das perseguições e da pobreza na Síria.

A comoção causada pela divulgação dessas imagens instiga a reflexão e o estudo aprofundado dessa dinâmica alcançada pela mídia. Os indícios evidenciam que houve uma (re) produção de imagens chocantes, com forte apelo emocional. Em outras palavras, uma orquestração sintonizada que teve o poder de sensibilizar um grande número de pessoas e colocar essa pauta na agenda mundial, desdobrando o tema em diversos ângulos, perpassando os setores político, econômico, sociocultural, religioso e humanitário.

5. O nome correto do menino é Alan Kurdi, porém, mesmo depois da correção feita pela família, grande parte da imprensa mundial decidiu continuar usando o nome trocado, pois, a notícia já estava deflagrada e personificada com Aylan Kurdi.

As estatísticas são de extrema relevância e é possível que o tema continue na agenda midiática por muitos anos ainda. Segundo dados do Global Trends[6] (Tendências Globais, em tradução livre) de 2015, 1 em cada 113 pessoas no Planeta é solicitante de refúgio, deslocada interna ou refugiada. Além disso, o documento anunciou oficialmente que até o final de 2015 havia 65,3 milhões deslocamentos forçados causados por guerras e conflitos armados, o que significa um aumento de 10 por cento comparado ao ano de 2014, o qual contabilizou 59,5 milhões. Isso significa que, em 2015, o mundo foi território de deslocamentos forçados de 24 pessoas por minuto, ou seja, 34 mil deslocados por dia.

Os deslocamentos ocorrem, em sua maioria, nos países vizinhos, onde muitos possuem campos de refugiados, estruturados para oferecer ajuda humanitária[7]. No entanto, o assunto ganhou maior destaque na imprensa mundial quando começaram a crescer a busca por refúgio na Europa. No Brasil, de acordo com o relatório de 2016 do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), órgão ligado ao Ministério da Justiça, as solicitações de refúgio cresceram 2.868% nos últimos cinco anos, passando de 966, em 2010, para 28.670, em 2015. Até abril de 2016, 8.863 solicitações de refúgio foram atendidas pelo Brasil, o que representa aumento de 127%. Os sírios formam a maior comunidade de refugiados reconhecidos no Brasil (2.298), seguidos pelos angolanos (1.420), colombianos (1.100), congoleses (968) e palestinos (376). Ao todo são 79 nacionalidades diferentes com refúgio no Brasil.

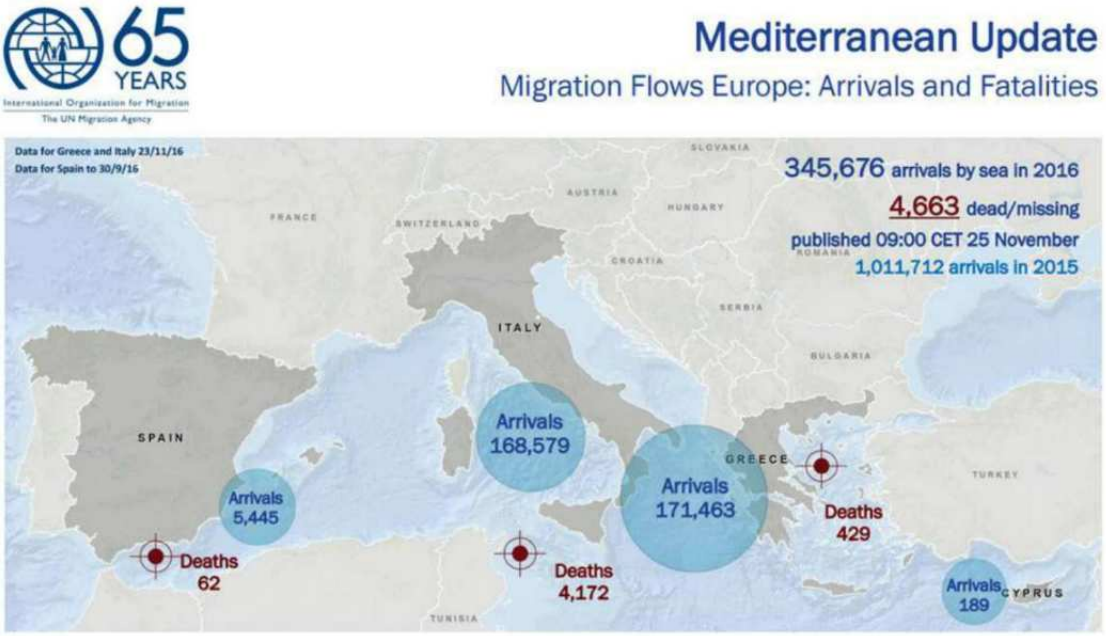
Os fatores trágicos desses processos de deslocamentos são demarcados midiaticamente pelo número expressivo de pessoas que não conseguem chegar ao destino, sofrendo naufrágios e morrendo no meio do caminho, devido ao uso

6. *Global Trends: displacement forced 2015* é o documento anual que registra deslocamentos forçados com base em dados dos governos dos países, das agências parceiras e do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR).

7. O maior campo de refugiados do mundo é Dadaab, no Quênia, instalado há 23 anos, foi anunciado o fim dele em maio de 2016. No local vivem 328 mil refugiados, a maioria da Somália. No Oriente Médio, o maior campo de refugiados é o Zaatari, localizado na Jordânia, com 145 mil assentados.

de embarcações precárias e ilegais para atravessar o Mar Mediterrâneo. Abaixo, os dados divulgados pela Organização Internacional para as Migrações (OIM), em 23 de novembro de 2016:

Infográfico 1: Chegadas por mar na Europa e mortes no Mediterrâneo até 23/11/2016



Fonte: OIM (Organização Internacional para as Migrações)

O infográfico acima informa que 345.676 migrantes e refugiados entraram na Europa por via marítima, até 23 de novembro de 2016 (contra 1.011,712 durante todo o ano de 2015), chegando principalmente na Grécia (171.463) e na Itália (168.579). As mortes registradas durantes as travessias somaram 4.663 até a referida data (contra 3.771 durante todo o ano de 2015).

4 Construto metodológico: como analisar os (micro)acontecimentos

O observável empírico dessa análise está sendo construído a partir da descrição das ações internas e, na medida do possível, externas ao objeto de estudo, entendidos aqui como sistemas complexos integrados por um macroacontecimento e suas irritações e acoplamentos estruturais (Luhmann,

2005). Será feita uma *iconização* (Ferreira, 2010) que dará mais visibilidade ao pensamento construído e à abrangência da circulação de materiais. Para o autor, a iconização é um posto avançado de reflexão e construção de hipóteses sobre a pesquisa e é nesta etapa que o objeto de estudo toma forma e que são formuladas proposições e perguntas, as quais permitem acionar processos dedutivos, indutivos e abdutivos. Nessa perspectiva, por meio das primeiras aproximações, análise e descrição do material empírico, foram estabelecidas pré-categorias: **1) Lógicas interacionais de funcionamento** (Braga, 2010a) - Direciona à compreensão da circulação midiática sobre os refugiados, para verificar *"o que ela faz?"* e que cenários interativos são disponibilizados? **2) Irradiação dos materiais –** Circunscreve o mapeamento de um lugar de circulação; **3) Personagens principais –** Características da personalização dos casos emblemáticos; **4) Índices patêmicos (Charaudeau, 2007) –** Captura elementos que remetam ao apelo emocional da prática discursiva.

Ferreira (2010) afirma que são os indícios que definem o objeto de forma mais concreta e permitem construir uma *coleção*. O esforço deve ser na intenção de capturar/selecionar os indícios estritamente comunicacionais. Nessa perspectiva, vamos associar à visão de Braga (2010a) que defende que uma hipótese heurística pode acionar descobertas específicas ao campo comunicacional, gera interpretações concorrentes e explicações pertinentes, sem a preocupação de confirmar hipóteses surgidas, mas sim aperfeiçoá-las.

Esse posicionamento metodológico norteia o eixo dessa análise, para que seja desenvolvido um trabalho de estímulo descritivo-inferencial-abdutivo, a partir da exploração do material empírico, para gerar boas hipóteses, ou seja, que emerjam novas perguntas, na busca de que os materiais empíricos manifestem suas perspectivas relevantes.

4.1 Enfrentamento dos materiais e tensionamentos teóricos

Ao observarmos as lógicas interacionais e demarcarmos um lugar de circulação, verificamos os primeiros movi-

mentos dos observáveis empíricos e elencamos para o recorte de análise dois episódios comunicacionais que intensificaram a circulação temática sobre os refugiados sírios: 1º) a morte do menino Aylan Kurdi, de 3 anos, na travessia do mar, em busca de refúgio em outro país, em 2 de setembro de 2015; 2º) a sobrevivência do menino Omran Daqneesh, de 5 anos, depois de ser ferido em um bombardeio na sua cidade natal Aleppo, em 18 de agosto de 2016.

Essa relação que fazemos não é comparativa, mas sim sucessiva, dentro da dinâmica de rede de significados dos acontecimentos, vistos como microacontecimentos que irritam o sistema social, proporcionados pela circulação no ambiente midiatizado. De acordo com Fausto Neto (2007), nessa lógica operacional, os sentidos se sobrepõem, colocando em circulação possibilidades interacionais. Nesse sentido, os acontecimentos são tessituras complexas, e na sociedade marcada por elevados processos de midiatização, se engendram muito além das próprias fronteiras do campo midiático.

Visualizamos a processualidade que se dá no atravessamento das práticas midiáticas e processos referenciais sistêmicos, constituindo os sujeitos como acionadores de circuitos, promotores de uma interacionalidade midiatizante (Braga, 2012). Sendo assim, suas competências críticas são ativadas, por meio de "observações de observações" (Luhmann, 2005) e eles efetuam na circulação uma atualização dos seus repertórios particulares, como uma sequência de operações observadoras, alimentando o sistema, despertando a sociedade através da liberação de componentes que registram uma distinção e se inscreve como desvio daquilo que já é conhecido. Outro componente altera as estruturas do sistema, é uma "diferença que faz diferença" (Luhmann, 2005).

Entendemos que as circulações de práticas discursivas emergem outras configurações que invertem, inventam e criam novas lógicas na construção noticiosa, opinativa e crítica, proporcionando cada vez mais imprevisibilidades e complexidades nos processos comunicacionais. Sendo assim, mesmo que seja previsível, é difícil garantir se determinado

episódio comunicacional, ou microacontecimento midiático irá "viralizar", fazer acoplamentos estruturais e reascender o debate público, pois esse é um processo que emana da sociedade, ela que tem o poder irritativo ou hermenêutico do sistema. E ainda, é ela que tem o poder de tomar para si o problema que lhe é exterior, mas que passou por um processo de naturalização e exige a cumplicidade e, pela natureza negativa do tema, solidariedade.

Nessa visão, buscamos superar a visão tradicional de acontecimento fundada por Queré (2005) para pensar o acontecimento dentro da ambiência midiatizada. Constatamos nas relações entre acontecimento, ambiência midiatizada e circulações de práticas discursivas um grande potencial narrativo dos textos e simbólico das imagens, principalmente pela rede de significados, possiblidades e imprevisibilidades que é tecida nessa ambiência. É evidente que o acontecimento jornalístico continuará a ocupar um lugar central na sociedade midiatizada, porém, constatamos que ele é alimentado em outros lugares, impulsionado por uma manifestação subjetiva e estética do indivíduo que está ativo no processo.

Para além dessas ações comunicativas, esse interagente demanda um impacto emocional para que seja gerado engajamento nas conexões e compartilhamentos de microacontecimentos. É nessa tentativa de desencadear emoções sistemáticas que ocorre o "ápice midiático".

4.2 Rastros patêmicos

Os indícios apresentados nas análises, nessa primeira aproximação com os materiais empíricos, nos revelam que havia um macroacontecimento, identificado inicialmente como a *Primavera Árabe*, em dezembro que 2010[8], depois desdobrou-se para a *Crise de Refugiados* com a morte do menino Aylan Kurdi, em 2 de setembro de 2015. A quantidade de materiais noticiosos, opinativos e críticos sobre o ocorrido foi tão grande e avassalador que despertou uma comoção

8. Disponível em: http://educacao.globo.com/geografia/assunto/atualidades/primavera-arabe.html

mundial, servindo como um divisor de águas na política europeia para os imigrantes.



Foto 1: Imagem de destaque da Folha.com do dia 02/09/2015
Crédito: Nilüfer Demir/Dogan News Agency

A imagem acima estampou a maioria das capas dos jornais do mundo todo e foi ponto de partida de milhares de charges, artigos, crônicas e comentários. Nela, Aylan está morto, deitado de bruços, na posição em que muitas crianças pequenas dormem. Com o corpo vestido e calçado, carrega no rosto um semblante tranquilo, contrariando todo o caos e tragédia que a situação simboliza. Nesse primeiro momento, é evidente que o recurso utilizado por parte da Agência de Notícias Dogan[9], pertencente à Dogan Holdin, um dos grupos econômicos mais importantes da Turquia, e pela fotógrafa Nilüfer Demir, foi o uso de apelo emocional, com o uso de uma criança morta, na intenção de vender a notícia. Em entrevista ao Portal de Notícias G1, a fotógrafa afirmou que, apesar de cobrir imigrações há 15 anos, ficou "petrificada" e a única coisa que poderia fazer naquele momento era tornar público o clamor do menino.

9. Dogan Holding: http://www.doganholding.com.tr/is-alanlari/medya.aspx

A técnica utilizada dentro do campo jornalístico tanto pela Agência quanto pelos demais jornais que reproduziram a imagem foi a humanização do fato e todo o tratamento de contextualização e resgate da situação precedente ao episódio. Em novembro de 2016, essa foto foi eleita pela Revista Time como as cem imagens mais influentes de todos os tempos[10]. Contudo, o uso dela foi questionado pelo viés ético do jornalismo, por se tratar nitidamente de uma exploração emocional, para chocar o mundo, com o uso de uma criança morta.

Charaudeau (2007) aborda o fenômeno da busca pela emoção (*pathos*) e define as categorias patêmicas como uma racionalidade subjetiva. Sendo assim, o sujeito falante constrói *situações de comunicação* em um *processo de dramatização* que consiste em provocar a adesão passional do outro atingindo suas pulsões emocionais. Mesmo que esta visada seja da ordem dos sentimentos e da sensibilidade, o autor destaca que as intencionalidades orientam os discursos em direção a um objeto imaginado, já que este objeto é extirpado da realidade para se tornar um real significante. Diante disso, a mediação das representações de emoções e efeitos possíveis é perpassada pelos conhecimentos, informações, experiências, valores e crenças dos sujeitos. "É nesse sentido que pode-se dizer que uma morte não vale uma morte do ponto de vista patêmico" (Charaudeau, 2007, p. 241). Depende de quem vivencia, por exemplo, um médico possui uma mediação representacional diferente para a morte, fazendo com que varie o efeito emocional, de acordo com quem seja o morto.

Para o autor, com o objetivo de *tocar o outro*, o sujeito falante precisa utilizar estratégias discursivas que tendem a tocar a emoção e os sentimentos do interlocutor, de maneira seduzir ou, ao contrário, lhe fazer medo. Isso fará com que o outro não questione a fala em questão e se deixe levar pelos movimentos de seus afetos. Esse tipo de construção emotiva é efetivada na medida da resposta do público, que atendeu ao apelo estratégico e colocou em circulação novos sentidos,

10. Versão eletrônica desse projeto da Revista Time pode ser visualizada aqui: http://100photos.time.com/photos/nilufer-demir-alan-kurdi

constituindo os circuitos de diversos tipos, como classifica Braga (2012): dialógicos, especializados, solitários, tecnodistanciados e difusos. Nesse caso, poderia ser mais um menino morto como tantos milhares de outros que fogem com suas famílias dos conflitos armados e situação de pobreza vividos em suas terras natais, mas foi uma *tentativa* de comunicação que deu certo durante longos meses e lançou novos olhares nos domínios de conhecimento, principalmente dos campos políticos, econômicos, jurídicos e religiosos.



Foto 2: Imagem de destaque na cnn.com do dia 18/08/2016
Crédito: Mahmoud Rislan/Aleppo Media Center

Passado quase um ano, o discurso midiático sobre os refugiados estava normalizado, sem nada que surpreende-se ou que trouxesse algo novo, ou que superasse a simbologia da imagem do menino Aylan. Foi quando em 18 de agosto houve o reascendimento midiático, com o microacontecimento da sobrevivência de Omran Daqneesh, de 5 anos, também um menino, inocente e indefeso, que ao ser resgatado dos escombros causados por um bombardeio em Aleppo, em estado de choque, não expressava nenhuma reação de dor, desespero ou alegria em estar vivo. Apesar da notícia ser positiva, o contexto não era nem um pouco favorável a comemorações.

O menino foi nomeado símbolo da guerra civil que assola a Síria desde a Primavera Árabe, como mostra esse trecho discursivo em circulação no noticiário mundial: "O resgate do menino que se tornou símbolo do horror da guerra síria" (BBC Brasil).

Constatamos que ressurgiu, com esse fenômeno, irritações no sistema, as quais colocaram em circuitos o tema da crise humanitária na Síria, essa dinâmica impulsionou o debate em escala global, atingindo novamente o pico mais alto de evidência de um acontecimento, ou seja, o que estamos defendendo como ápice midiático.

5 Considerações hipotéticas

Emocionar e despertar o debate público para ações efetivas parece uma utopia, mas nesse cenário midiatizado em que vivemos, está cada vez mais possível atingir esses objetivos. Guardadas as devidas proporções e limitações culturais e tecnológicas, a sociedade sabe o poder que tem nas mãos para transformar situações de comunicação em mudança concreta, seja nos setores político, econômico, cultural ou social. A hipótese do ápice midiático não é entendida como um mérito da mídia, mas sim da sociedade que tem o livre arbítrio de escolher o que lhe parece mais relevante e acionar os acoplamentos necessários e pertinentes. Dentro da visão do macroacontecimento de Santos (2005), estamos todos vivendo essa tragédia humanitária de refugiados. Logo, estamos obrigados a olhar as coisas e o mundo em profundidade e a longo prazo. Nessa lógica, compreendemos que esse sistema é alimentado de forma que a tematização não morra.

Como é possível mensurar esse movimento de elevado nível de abrangência de um microacontecimento (ou episódio comunicacional), pertencentes a uma estrutura macro (macro/megacontecimento), que muda o sistema social? É possível perceber a relevância midiática intensificada, justamente quando se acoplam as ações dos demais campos como podemos vivenciar nas mudanças das políticas públicas

internacionais para os refugiados, fechamento das fronteiras - como no caso da Grã-Bretanha que saiu do bloco europeu, abertura do debate especializado sobre novos fluxos migratórios, surgimento de Organizações Não Governamentais (ONGs) e voluntários em apoio aos que buscam asilo, além de mutirões e campanhas físicas e digitais da sociedade civil, que se organizam em solidariedade a esses homens, mulheres, idosos, jovens e crianças que se encontram além da margem da sociedade, pois, não bastasse não terem identidade, lar e perspectiva de futuro, eles sofrem com o preconceito por onde passam ou chegam.

Nosso propósito, com esse enfretamento empírico é encontrar um lugar de circulação que demonstre e aprimore a nossa hipótese de ápice midiático que se delineia como o ato comunicacional que coloca em circulação as emoções e afetos, formando circuitos efetivos entre as esferas da sociedade e instituições, e que, principalmente tenha uma finalidade pragmática de comunicação. Os próximos passos para dar conta desse complexo comunicacional, é continuaremos o mapeamento dentro da perspectiva de Charaudeau (2007) do processo de dramatização (emoção/pathos), tensionando com os processos de regulação (contato/relação), identificação (imagem/ethos) e racionalização (narrativas/argumentos/logos). Acreditamos ser esse o caminho para conseguirmos abarcar o entendimento de processos comunicacionais que atendem às lógicas da midiatização, como um campo semântico, e apresentar hipóteses de como os campos sociais operacionalizam as reconfigurações interacionais, formadas por circuitos e circulações de operações cognitivas entre atores sociais e instituições.

Referências:

BBC BRASIL. O resgate do menino que se tornou símbolo do horror da guerra síria. *BBC Brasil.* 21 de ago 2016. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37148777

BRAGA, J. L. Pesquisando perguntas: um programa de ação no desentranhamento do comunicacional. In: FAUSTO NETO, A.; FERREIRA, J.; BRAGA, J. L.; GOMES, P. G. (Org.). *Midiatização e Processos Sociais: aspectos metodológicos.* 1 ed. Santa Cruz do Sul - RS: EDUNISC - Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul, 2010a, **v. 1**, p. 79-93.

_____. Análise performativa: Cem casos de pesquisa empírica. In: Braga, José Luiz, Vassallo de Lopes, Maria Immacolata e Martino, Luiz Cláudio (orgs.), *Pesquisa empírica em Comunicação* – Livro Compós, Editora Paulus: São Paulo, 2010b, p. 382-403.

_____. Circuitos versus campos sociais. In: JANOTTI JUNIOR, J.; MATTOS, M. A.; JACKS, N. (Org.). *Mediação & Midiatização.* Salvador : EDUFBA ; Brasília: Compós, 2012.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das Mídias.* Trad. Ana M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Pathos e discurso político. In: MACHADO, I. L.; MENEZES, W.; MENDES, E. (org.). *As Emoções no Discurso.* Volume 1. Rio de Janeiro : Lucerna, 2007. p. 240-251.

COLON, L.; FLECK, I. *Foto de menino refugiado morto na praia atrai atenção para crise.* Folha de São Paulo, São Paulo, 02 set. 2015. Editoria Mundo. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1677028-foto-de-menino-refugiado-morto-na-praia-atrai-atencao-para-crise.shtml. Acessado em: 02 set. 2015.

DEMIR, N. “Fiquei petrificada”, diz fotógrafa que fez imagem de menino sírio morto: 2015. *Portal G1.* Seção Mundo, 03 set. 2015. Entrevista concedida ao G1 São Paulo. Disponível em: http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/fiquei-petrificada-diz-fotografa-que-fez-imagem-de-menino-sirio-morto.html. Acessada em: 27 nov. 2016.

FAUSTO NETO. A. A circulação além das bordas. In: FAUSTO NETO, Antonio; VALDETTARO, Sandra (Org.) *Mediatización, Sociedad y Sentido: diálogos entre Brasil y Argentina. Rosario, Argentina:* Departamento de Ciências de la Comunicación, Universidad Nacional de Rosario, 2010. p. 2-15. Disponível em: <http://www.fcpolit.unr.edu.ar/wp-content/uploads/Mediatizaci%C3%B3n-sociedad-y-sentido.pdf> Acessado em: 20 set. 2016.

FERREIRA, J. *Os labirintos sobrepostos.* Texto preparatório ao Seminário DINTER/UNISINOS/UFPI, São Leopoldo/RS, Dezembro de 2010.

GLOBAL TRENDS: displacement forced 2015. *Estatísticas de 2015.* Disponível em: http://www.unhcr.org/576408cd7.pdf. Acessado em: 20 set. 2016.

LUHMANN, N. *A realidade dos meios de comunicação.* SP: Paulus, 2005.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. *Relatório divulgado em 25 nov. 2016.* Disponível em: http://www.iom.int/news/mediterranean-migrant-arrivals-reach-345676-deaths-sea-4663. Acessado em: 28 nov. 2016.

PORTAL BRASIL. Brasil abriga 8.863 refugiados de 79 nacionalidades. 2016. *Portal Brasil.* Seção Cidadania e Justiça, 10mai. 2016. Reportagem institucional do Governo. Disponível em: http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/05/brasil-abriga-8-863-refugiados-de-79-nacionalidades. Acessado em: 20mai. 2016.

QUÉRÉ, L. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. In: *Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação,* Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – departamento de Sociologia. Seção de Comunicação, Cultura e Educação, n. 6, p.59-75, 2005.

RODRIGUES, A. D. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: PORTO, Sergio Dayrell (org.) *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 2002. p. 217-233.

SANTOS, J. M. Da perca do mundo à sociedade dos (mega)acontecimentos.In: *Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – departamento de Sociologia. Seção de Comunicação, Cultura e Educação, n. 6, p.77-83, 2005.